

# EDITORIAL

## *A literatura e o mundo midiático: interações, tensões e circulações*

O surgimento no século XIX de uma verdadeira “civilização do jornal” (KALIFA et al. 2010) trouxe profundas consequências para as formas de fazer e pensar a literatura, sobretudo no mundo europeu. De maneira bastante primordial, como bem mostram os estudos de Marie-Ève Therenty (2007), houve uma intensa circularidade entre as práticas, as formas e as profissões ligadas à literatura e ao jornalismo ao longo de todo o século.

Mesmo na passagem para o século XX, um momento em que as práticas e os discursos do jornalismo tendem a ganhar uma especificidade e uma autonomia mais demarcadas, é possível notar ecos que ressoam entre literatura e jornalismo. Este é o caso, por exemplo, do pequeno livro intitulado *Le Journalisme*, publicado em 1900. Escrito por Léon Levrault, essa obra aborda o jornalismo como um *gênero literário* possuindo suas especificidades, mas podendo ser compreendido como parte integrante de um sistema fundamentalmente *literário* de produção escrita. É significativo ou, ao menos, sintomático até mesmo o contexto editorial desse pequeno manual: a coleção da qual faz parte se intitula “Les Genres littéraires”.

res” e dispõe assim o jornalismo ao lado de outros gêneros tradicionais, como a epopeia, o romance, o teatro ou a poesia lírica.

Se, nos anos 1920, Albert Thibaudet reforça certas distinções entre jornalismo e literatura em seu artigo “Lettres et Journaux” (THIBAUDET, 1923), o crítico não deixa de dar uma pista da força do fenômeno da imprensa no cenário cultural francês: “Um artigo de jornal tem, hoje em dia, um milhão de leitores, ou seja, muito mais do que as sete tragédias de Ésquilo tiveram em dois mil e trezentos anos, desde que foram escritas.”<sup>1</sup> Não é à toa que o herói proustiano, personagem que se lança aos poucos na busca por seu talento literário, anseia fortemente pela publicação de seu artigo no *Figaro*. Sua emoção é reveladora da repercussão social que representava um jornal – ainda que apenas na imaginação – daquele que pretendia vir a ser um escritor: “O que eu tinha em mãos não era apenas um exemplar exclusivo do jornal, era um qualquer entre dez mil; não era apenas algo que foi escrito por mim, era algo que foi escrito por mim e lido por todos.”<sup>2</sup> (PROUST, 1989: 148).

Esse trecho nos mostra, entre outras coisas, justamente como a imprensa periódica, além de atuar sobre os leitores, dando-os textos a ler, atua também sobre as mentalidades dos próprios escritores, engendrando uma espécie de centro gravitacional onde imprensa e literatura convergem. Não só por uma tradicional intersecção entre a profissão de jornalista e a carreira do homem de letras, mas também pela preponderância do lugar do jornal no sistema de circulação textual, os campos literário e jornalístico vão se influenciar mutuamente levando a um forte “processo de trocas e interações” (THÉRENTY, 2007: 19). Nesse sentido, as pesquisas literárias sobre a imprensa procuram acompanhar, primeiramente, a ideia fundamental exposta por estudiosos da história da cultura, segundo a qual o suporte também possui um papel importante na produção de significado de um texto: “é necessário recordar claramente que não existe nenhum texto fora do suporte que o dá a ler, que não há compreensão de um escrito, qualquer que ele seja, que não dependa das formas através das quais ele chega ao seu leitor” (CHARTIER, 1990: 127).

Essa percepção, apesar de evidente para os estudos culturais, nem sempre foi observada nos estudos literários. Sobretudo, ainda segundo Roger Chartier, devido à primazia de um conceito “idealizado” de texto, em grande parte fruto da filosofia kantiana e do questionamento cada vez mais presente em torno da propriedade intelectual – que exigia, entre outras coisas, a separação entre o texto “ideal” (propriedade do autor), de um lado, e o texto “material” (propriedade do comprador/editor), de outro. No caso da imprensa, a situação se torna ainda mais complexa, uma vez que essa interação entre texto e suporte é frequentemente mascarada pelas posteriores aparições em livros de textos publicados originalmente em periódicos e, não raro, pelos próprios escritores, que muitas vezes vão negar ou

---

<sup>1</sup> “Un article de journal a un million de lecteurs aujourd’hui, c’est à dire beaucoup plus que n’en ont eu nos sept tragédies d’Eschyle depuis deux mille trois cents ans qu’elles sont écrites”.

<sup>2</sup> “Ce que je tenais en main, ce n’est pas un certain exemplaire du journal, c’est l’un quelconque des dix mille ; ce n’est pas seulement ce qui a été écrit par moi, c’est ce qui a été écrit par moi et lu par tous”.

mesmo satirizar a interação da literatura com a imprensa. Basta pensarmos no tratamento extremamente crítico que a imprensa recebe, por exemplo, em romances como *Illusions Perdues*, de Balzac, e *Bel-Ami* de, Guy Maupassant, ou na célebre *Monographie de la Presse* também de Balzac, com a sua acidez particular, e que pode obscurecer a relação íntima entre os dois campos.

Contudo, se essa espécie de repulsa mostra as diferenças entre o regime literário e o sistema midiático, ela é também reveladora dos contatos e das influências mútuas que, para o bem ou para o mal, existem entre os dois lados. Para ir além das aparentes distâncias e observar a relação entre esses dois sistemas, é preciso, da mesma maneira, não se deixar levar pelas hierarquias e distinções de gênero textual recorrentemente reforçadas pelo discurso da história literária tradicional. O interesse renovado pelo papel do suporte periódico deve vir acompanhado de uma visão global do objeto (jornal ou revista), uma vez que cada rubrica, cada elemento, cada parte estabelece um diálogo com as outras no “mosaico semiótico” configurado nesse tipo de publicação.

Assim, os pesquisadores têm se voltado para os mais diversos gêneros, mesmo que estes sejam aparentemente marginais, no intuito de apreender globalmente o fenômeno cultural da imprensa. Para esses pesquisadores, “para compreender o que está em jogo, de maneira profunda, nesse universo periódico, é absolutamente necessário ler tudo”<sup>3</sup> (KALIFA et al., 2010: 19). Nos últimos trinta anos vemos justamente surgir trabalhos que abordam o folhetim (DUMASY, 1999), o *fait divers* (KALIFA, 1995), a publicidade (MARTIN, 1992), a imprensa mundana (PINSON, 2008), entre outros. O dossiê temático que apresentamos neste número da revista *Non Plus* procura também perscrutar um pouco as diversas facetas da interação entre literatura e jornalismo no percurso de escritores de língua francesa e contribuir nesse debate que tem encontrado uma forte ressonância no meio acadêmico atual (THÉRENTY, 2012).

Os artigos aqui presentes giram em torno de diversos *agentes e práticas* do mundo jornalístico, literário e midiático, de maneira mais geral. Nikol Dziub abre nosso número com uma análise do papel da caricatura dentro da reflexão literária do século XIX. Entre, de um lado, a contingência material e imediata do mundo midiático e, de outro, a transcendência literária de um idealismo de fundamentação romântica, se inserem as respostas eloquentes de uma “imagerie” que incarna, no seio dessa forma artístico-jornalística, as tensões da literatura moderna. Se a caricatura dialoga diretamente e profundamente com os campos literários e midiáticos, a crítica literária é outra atividade que também se insere nessa intersecção. É comum que no seio da atividade crítica percursos literários e jornalísticos sejam forjados, como aquele de Marguerite Eymery, estudado aqui por Camila Soares López no segundo artigo do nosso dossiê.

---

<sup>3</sup> “pour comprendre ce qui se joue, en profondeur, dans cet univers périodique, il faut absolument tout lire”

Milene Suzano de Almeida, por sua vez, nos lembra que esse processo de interação jornalístico-literária não é exclusivo do mundo midiático europeu. Sua perspectiva comparativa nos permite não só vislumbrar tal interação na obra de Anatole France e Lima Barreto, como também entrever, por meio de uma análise do elemento satírico, a amplitude e circulação desse fenômeno que atravessa o Atlântico e encontra ecos no cenário brasileiro. Etienne Sauthier vai se debruçar sobre esse fenômeno da circulação, para produzir um comentário mais geral a respeito das relações culturais Brasil-França durante as duas Grandes Guerras do século XX. Chamando a atenção para os efeitos desses eventos históricos sobre a cultura, o autor lembra que o Brasil viveu as duas Grandes Guerras de maneira bem diferente dos países europeus, nem que seja por nos situarmos longe do palco das guerras e da violência. As consequências disso são grandes no plano da circulação da cultura, já que, durante esses momentos de tensão e de obscuridade, o Brasil pareceu desempenhar o papel de um depositário – fiel ou infiel? – de valores culturais que se acham ameaçados na própria Europa. Daí nasce a bela imagem que dá título ao artigo: “Jardin d’hiver: circulation culturelle entre l’Europe et le Brésil d’une guerre mondiale à l’autre (1914-1950)”.

Se o comparatismo permite ampliar o horizonte espacial do tema aqui privilegiado, as duas últimas contribuições do dossiê permitem propor também um alargamento do seu horizonte temporal. Nicolas Gaille, ao analisar como os escritores contemporâneos se apresentam diante dos meios televisivos, mostra como é possível estendermos nossa reflexão – inclusive teórica e metodológica – na direção das mídias atuais, cujo impacto e interação com a literatura também são dignas de estudo. A entrevista com a Profa. Dra. Adeline Wrona (CELSA-Paris IV), por Fillipe Mauro, coroa de maneira ímpar o quadro de nosso dossiê. Essa pesquisadora, especialista na obra de Émile Zola, ele também ícone da ligação entre literatura e imprensa, discute aqui seu recente - e importante - estudo sobre o gênero “retrato”, essa forma que foi se renovando “de Sainte-Beuve ao facebook” (como diz o subtítulo de seu livro) e que constitui um dos mais importantes prismas de pesquisa para aqueles que estão dispostos a estudar os contatos entre os mundos literário e midiático.

Finalmente, cabe destacar os artigos que compõem a seção “Varia” desta edição. Claude Dédomon estuda o último romance de Marie Darrieussecq, *Il faut beaucoup aimer les hommes*, para analisar ali as relações que a prosa contemporânea mantém com a imagem cinematográfica. Com o intuito de sublinhar as relações que o ato de escrever guarda com nosso corpo e com a situação de enfermidade, Guilherme Fernandes compara duas obras contemporâneas: de um lado, *À l’ami qui ne m’a pas sauvé la vie* de Hervé Guibert; e de outro, “Cartas para além do muro” de Caio Fernando Abreu. O artigo de Monica Kalil examina o jogo de vozes que Marguerite Yourcenar cria em *Feux*, para relacionar esse jogo com “l’œuvre de l’esprit”, tal como esta foi concebida por Paul Valéry. E por fim, no artigo “Fantine ou la La Fantine: uma questão de sentido”, Regina Cibelle de Oliveira chama a atenção para o uso expressivo e literário que Victor Hugo faz do artigo

definido diante de um nome próprio, para demonstrar a força que se esconde nos detalhes da prosa desse importante escritor francês.

Que esses artigos possam interessar e cativar nossos leitores, é tudo o que esperamos! Boas leituras!

**Alexandre Bebiano de Almeida**  
**Vivian Yoshie Martins Morizono**  
**Yuri Cerqueira dos Anjos**  
*Editores do número 8*

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

ALBALAT, A. Le Reportage littéraire. M. Adolphe Brisson. *La Nouvelle Revue*. Paris, 1879.

CHARTIER, R. *A História Cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

DE LUCA, T. R. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 111-153.

DUMASY, L. (org.). *La Querelle du roman feuilleton*. Grenoble : ELLUG, 1999.

KALIFA, D. *L'encre et le sang*. Paris: Fayard, 1995.

KALIFA et al. *La Civilisation du journal*. Paris: Nouveau Monde, 2010.

MARTIN, M. *Trois siècles de publicité en France*. Paris: Odile Jacob, 1992.

PINSON, G. *Fiction du monde*. Montréal: P.U.M, 2008.

PROUST, M. *À la recherche du temps perdu - IV*. Paris: Gallimard, 1989.

THÉRENTY, M.-E. *La Littérature au quotidien*. Paris: Seuil, 2007.

\_\_\_\_\_. Presse et littérature au XIXe siècle. Dix ans de recherche. Bibliographie. *CONTEXTES [en ligne]*, n. 11, 2012.

THIBAUDET, A. Lettres et Journaux. *Nouvelle Revue française*, 1 juin 1923.